

## ALGUMAS CONFIGURAÇÕES DOS IMAGINÁRIOS E DOS *ETHÉ* DE “LADRÃO” NA CULTURA BRASILEIRA

Emília Mendes<sup>i</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa busca alcançar dois objetivos: (i) num primeiro momento, propomos uma discussão teórica sobre as noções de *ethos*, estereótipo, representações e imaginários. A partir dessa exposição, apresentamos um quadro inédito que pretende concatenar várias visões sobre o assunto e permitir a construção de um quadro teórico-metodológico, reunindo pensadores como Maingueneau (2005), Charaudeau (2007), Amossy (2010), dentre outros. Nosso segundo objetivo é, a partir de um recorte diacrônico de *corpus*, demonstrar de forma não exaustiva a construção dos *ethé* e dos imaginários de ladrão na cultura brasileira entre os séculos XVII e XXI. O *corpus* é formado por alguns fragmentos de textos ficcionais e/ou literários pertencentes a vários gêneros de discurso. A partir da análise dos dados, observamos uma constância temporal tanto dos imaginários quanto dos *ethé* relativos a ladrão.

**Palavras-chave:** *Ethos*. Estereótipo. Imaginário. Ficção.

**Abstract:** In this research we strive to achieve two goals: (i) first, we posit a theoretical discussion of *ethos*, stereotype, and socio imaginary. From this, we present a new framework that aims to relate multiple viewpoints. It also constructs a new theoretical and methodological framework, bringing together thinkers such as Maingueneau (2005), Charaudeau (2007), Amossy (2010), among others. Our second goal, after defining our *corpus*, is to demonstrate non-thoroughly the construction of the *ethos* and of the image of the thief in the Brazilian imaginary between the 17th and 21st centuries. The *corpus* consists of fragments of fictional texts, some of which belong to different literary genres. From the data analysis, we observe a temporal consistency of the thief, in both imaginary and *ethos*.

**Keywords:** *Ethos*. Stereotype. Imaginary. Fiction.

---

<sup>i</sup> Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: [emilia.mendes@ymail.com](mailto:emilia.mendes@ymail.com).

## Introdução

Na análise do discurso que desenvolvemos<sup>1</sup> atualmente, trabalhamos com uma concepção segundo a qual o sujeito do discurso é psicossociohistórico; certamente, esses três pilares são contemplados na maioria das pesquisas conforme a natureza de cada uma, mas nos parece que não é muito comum encontrarmos pesquisas que tenham um recorte do *corpus* de forma diacrônica, ou seja, com uma ênfase na evolução histórica de determinados fenômenos. Atualmente, muitos estudiosos se debruçam sobre a mídia, a publicidade, a literatura, dentre outros campos, essencialmente, com um enfoque na contemporaneidade. Talvez a explicação para esse fato se dê pela própria natureza crítica da análise do discurso e de seu empenho em explicar os fenômenos sociais que vivemos. Essa escolha de recorte sincrônico nas pesquisas de maneira alguma é problemática, pois entender a realidade na qual vivemos e seus diversos matizes é essencial para a construção da cidadania e para a formação de pesquisadores/professores com mais competências para entender a sociedade e seus discursos.

Nossa proposta aqui é somar mais uma via metodológica e chamar a atenção para esse tipo de pesquisa. A preferência pela sincronicidade é compreensível, pois um recorte metodológico diacrônico impõe certas dificuldades como, por exemplo, um grande volume de material a ser analisado e a perda de contexto de uma época devido ao distanciamento temporal, gerando uma sobrecarga de trabalho para o pesquisador, em geral, submetido a restrições temporais. Nessa linha de raciocínio, é preciso considerar

também a volatilidade dos gêneros de discursos: um sermão católico na França do século XVII, por exemplo, não possui as mesmas restrições genéricas de um sermão católico contemporâneo, como pode ser observado em Maingueneau (2008); o mesmo pode ser aplicado ao Brasil. Assim, mesmo diante de tais dificuldades, pensamos que não seja impossível fazer esse tipo de pesquisa, prova disso é o trabalho que a pesquisadora Rosane Monnerat, da Universidade Federal Fluminense, vem desenvolvendo, cujo título é: "Discurso e imagem nas capas de revistas femininas brasileiras: ideologia e sedução (séculos XIX, XX e XXI)<sup>2</sup>".

Ao refletirmos sobre a questão da diacronia como procedimento metodológico, pensamos que talvez tenha um emprego mais bem-sucedido se nos valermos de categorias e/ou conceitos, originando o que Charaudeau (1996) nomeia transversalidade do recorte metodológico. Esse seria um procedimento que daria conta das "oscilações" sofridas pelos discursos no decorrer dos tempos. Assim como a pesquisa de Monnerat (2009-2012) acima citada, podemos considerar a ideologia ou outras categorias e conceitos como os imaginários, estereótipos, imagem etética<sup>3</sup>, imagem icônica, dentre outras possibilidades, como categorias operatórias. Esse procedimento, entretanto, não invalida o critério da exaustividade, essencial para a pesquisa em análise do discurso. Uma inspiração de como esse tipo de recorte pode se dar é o trabalho de Barthes ([1975] 2007) sobre o discurso amoroso.

Nessa perspectiva, visamos estudar de que maneira os *ethé* e os imaginários de ladrão são construídos na cultura brasileira, mas não se trata, de maneira alguma, de um estudo exaustivo, dada a brevidade deste texto. Para

---

<sup>1</sup> No Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG e também nos outros grupos que se formaram a partir do diálogo com a abordagem teórico-metodológica ligada à Teoria Semiológica de P. Charaudeau e seus demais contribuidores.

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9317686726910924>. Vigência do projeto: 2009-2012

<sup>3</sup> Relativo a *ethos*, de acordo com a proposta de DASCAL (2005).

tal, selecionamos um *corpus* com fragmentos pertencentes a vários gêneros de discurso (tratado, sermão, conto e poesia): (i) século XVII – “A Arte de Furtar” (Anônimo); (ii) "Sermão do bom ladrão" - Antônio Vieira (1655); (iii) “Como acreditou este prelado mais os mexericos de caveyra, do que as lizonjas do poeta, lhe fez esta sátira”, pertencente ao *Crônica do viver baiano seiscentista* de Gregório de Matos (séc. XVIII); (iv) “Cartas Chilenas”, de Tomás Antônio Gonzaga (séc. XVIII); (v) "Suje-se gordo", conto de Machado de Assis (séc. XIX e XX) e (vi) "O ladrão besta e o sabido", embolada interpretada por Caju & Castanha (séc. XXI). Nosso objetivo é trabalhar com textos de estatuto ficcional, com a exceção do texto de Antônio Vieira, que fazem uma espécie de crítica social de uma época.

Trabalharemos, neste estudo, com a hipótese segundo a qual haveria uma relativa estabilidade na projeção dos *ethé* de ladrão em nossa sociedade, corroborando imaginários sociodiscursivos de cada época. Dessa forma, vemos projetadas imagens nas quais os ladrões do alto escalão da política e das grandes corporações seriam inocentados, enquanto os ladrões de menor porte seriam condenados.

Como foi proposta em Mendes (2004), a ficcionalidade é uma simulação de um mundo possível e, como tal, guarda elementos do mundo factual. Não há uma linguagem específica para a ficção, ela é construída a partir de um mundo que já conhecemos e estabelece variações em termos de efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero<sup>4</sup>. A construção retórico-argumentativa em textos com esse estatuto também se dá da mesma forma: há um constante imbricamento entre o factual e o ficcional. Em alguns momentos, no mundo real, recorremos a textos ficcionais ou a procedimentos ligados à ficcionalidade para demonstrarmos, para refutarmos, para exemplificarmos, dentre outros procedimentos.

Assim sendo, algumas vezes, o texto ficcional se torna uma forma de podermos observar momentos históricos dos quais não temos muitas fontes documentais. Esse recurso ao discurso literário e ficcional em nada compromete o pilar “história” constituinte da Análise do Discurso, bem como seu uso em outras disciplinas. Para ilustrarmos o que acabamos de dizer, o papel do literário e do ficcional pode ser observado na obra *História da vida privada*, organizada por Georges Duby, sobretudo nos volumes relativos à história greco-latina e à Idade Média.

Dessa forma, a sociedade influencia a ficção, e a ficção, por sua vez, também influencia a sociedade. Essa via de mão dupla é também vista nas estratégias retórico-argumentativas presentes em vários discursos. É possível igualmente afirmar que a construção da ficcionalidade se baseia na doxa e nos lugares comuns a cada sociedade, pois, assim como na construção dos argumentos, os saberes partilhados são um fator de economia para tais procedimentos.

Outro ponto a ser colocado em evidência é o fato de que os gêneros com estatuto ficcional não têm uma visada argumentativa, mas uma dimensão argumentativa. Para Amossy (2006), a visada/intenção argumentativa está presente em alguns gêneros de discurso que possuem uma finalidade persuasiva mais abrangente e oferecem uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente com estratégias programadas para esse efeito. Exemplo disso são: o discurso de defesa no tribunal do júri, o sermão dos rituais religiosos, o discurso eleitoral, as publicidades, manifestos políticos ou literários, dentre outros. No entanto, um gênero pode não ter esta visada argumentativa, mas, mesmo assim, possuir efeitos de persuasão detectáveis, é o que Amossy (2006) denomina dimensão argumentativa. Isso se dá em função da tese defendida por Anscombe & Ducrot (1987) sobre a argumentação na língua. Nessa linha

---

<sup>4</sup> Cf. MENDES (2008)

de pensamento, Plantin<sup>5</sup> *apud* Amossy (2006, p. 33) explica que "toda fala é necessariamente argumentativa. [...] todo enunciado visa a agir sobre o outro, a transformar seu sistema de pensamento. Todo enunciado obriga ou incita o outro a acreditar, a ver, a fazer de outra forma." Assim sendo, um romance pode apresentar teses e argumentos sobre determinadas questões sem que esta seja a sua finalidade primeira. Vários gêneros de estatuto ficcional podem se valer deste procedimento: a piada, a poesia, a telenovela, as histórias em quadrinhos, as letras das canções, dentre outras possibilidades.

Com o intuito de discutir os temas acima apontados, o presente texto está dividido em três partes: (i) num primeiro momento, discutiremos as noções de *ethos*, estereótipo, representações e imaginários; também proporemos um quadro inédito que pretende dar um tratamento mais didático à questão; (ii) em seguida, aplicaremos o quadro teórico ao *corpus* escolhido e, por fim, (iii) lançaremos breves conclusões para o tema proposto.

### **1 *Ethos*, estereótipos, representações e imaginários**

Na Retórica clássica, temos a acepção segundo a qual a doxa é a base para a geração das provas retóricas, das quais o *ethos* faz parte. Na moderna análise do discurso, a base de geração do *ethos* se mantém, mas ganha outras denominações como estereótipo, representações sociais e imaginários. Tentaremos aqui discutir um pouco essa questão. Em Maingueneau (2005, p. 83), temos a proposta seguinte:

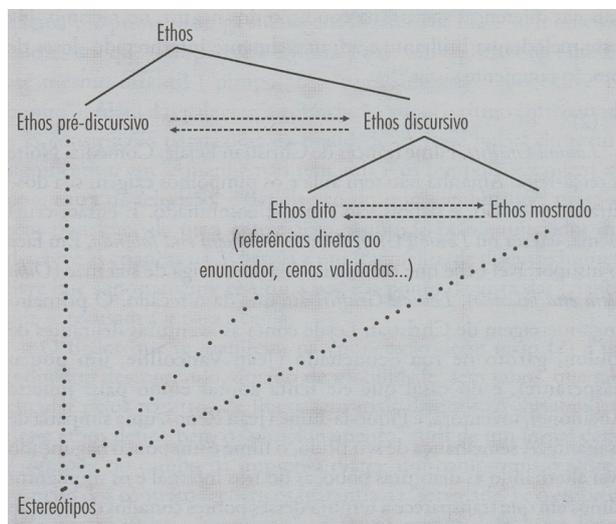


Figura 1 - *ethos* e estereótipos

O modelo de Maingueneau (2005) traz uma importante colaboração para a concepção da imagem de si quando apresenta as categorias de *ethos* prévio (pré-discursivo<sup>6</sup>), *ethos* discursivo, *ethos* dito e *ethos* mostrado. No entanto, a base geradora das imagens de si seria somente formada por estereótipos. De acordo com Amossy (2010), o estereótipo se define como uma representação coletiva cristalizada, trata-se de um modelo de apreensão do mundo que circula nos discursos e nos textos. A nosso ver, as representações ainda não cristalizadas, efêmeras, também deveriam ser consideradas, pois em determinados casos elas poderiam igualmente contribuir para a projeção deste ou daquele *ethos*.

Assim sendo, gostaríamos de fazer uma proposta teórico-metodológica construída a partir das reflexões de Maingueneau (2005), Amossy (2010)<sup>7</sup>, Charaudeau (2006, 2007),

<sup>6</sup> De acordo com Amossy (2007), a denominação pré-discursivo seria problemática porque parece remeter a algo que é anterior ao discurso, o que seria improvável, pois contestaria a tese do círculo bakhtiniano sobre dialogismo: não há como encontrarmos um Adão mítico fonte do primeiro discurso. Por essa razão, adotamos a outra opção apontada por Maingueneau (2005): *ethos* prévio.

<sup>7</sup> A nosso ver, as postulações de Amossy (2010) - e demais trabalhos que versam sobre esse assunto - seriam

<sup>5</sup> PLANTIN, Christian. *L'argumentation*. Paris: Seuil, 1996.

dentre outros pesquisadores. O esquema leva em consideração várias formulações já feitas pelos pensadores das teorias sobre o discurso que não serão aqui detalhadas. Nossa proposta seria a seguinte:

compõem uma sociedade que encontramos sejam as representações sociais e os estereótipos, sejam os imaginários sociodiscursivos.

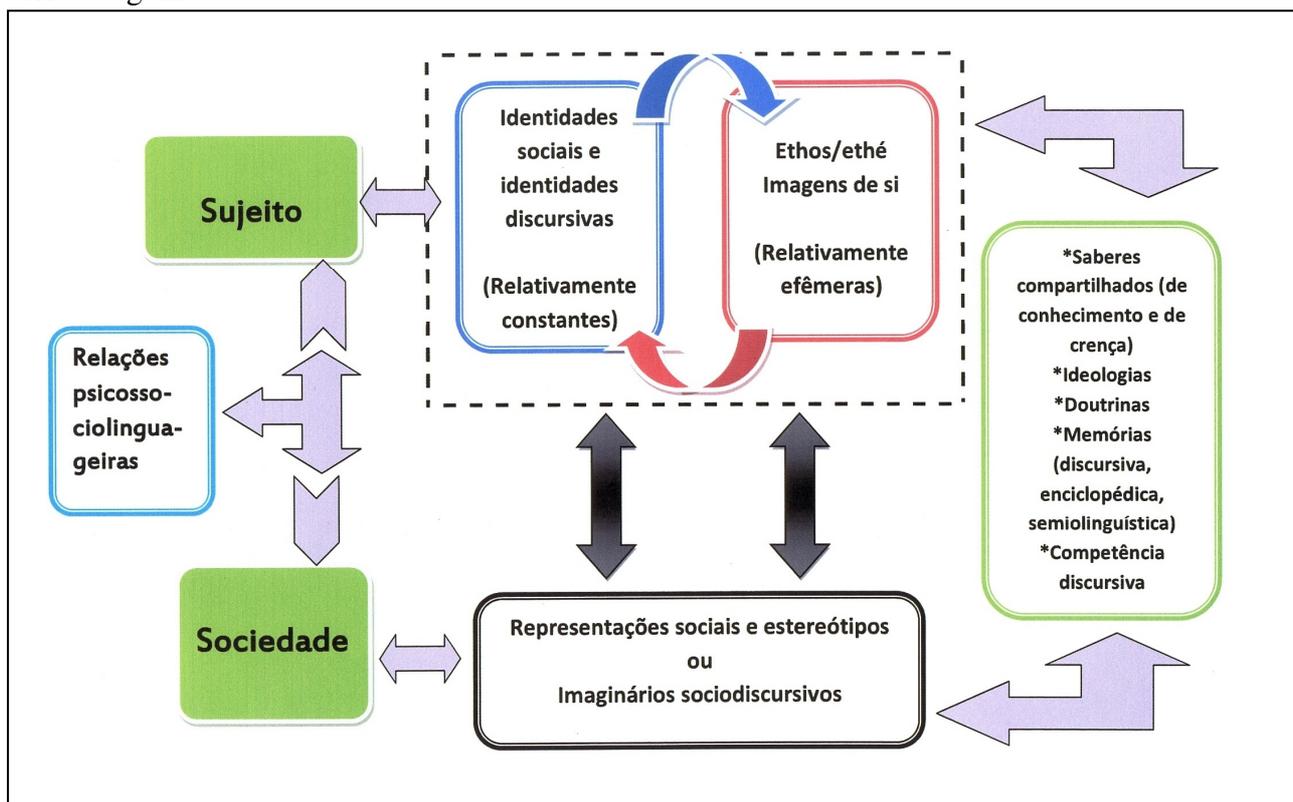


Figura 2 - esquema da relação: identidade, *ethos*, estereótipos, imaginários e representações

Em síntese, partimos de uma situação de comunicação na qual temos sujeito e sociedade, numa relação de complementação, endossando a tese saussuriana segundo a qual o sentido é social. A ligação entre sujeito e sociedade é mediada por elementos psicossociolinguageiros. É também no seio das diversas comunidades discursivas que

Em relação a estes dois modos de se pensar a doxa atualmente, é preciso dizer que se trata muito mais de escolhas de campos do saber (a sociologia e a psicologia social de um lado; de outro, a filosofia) do que de divergências conceituais. O primeiro grupo vai dizer que as representações<sup>8</sup> podem ser efêmeras ou cristalizadas (os estereótipos). De acordo com Bonardi & Roussiau (1999, p. 22),

Este conjunto de elementos [as representações sociais] é reunido em um sistema cognitivo que dispõe de uma lógica e de uma linguagem particulares (Moscovici, 1973). Este sistema permanece sempre concretamente dependente, de um lado, de um objeto social (fenômeno, evento, fato social, pessoas, grupos) que o

aplicáveis ao *ethos* verbal, ou seja, ficariam restritas à esfera do linguístico-discursivo. Por outro lado, Maingueneau, Charaudeau, Kerbrat-Orecchioni, dentre outros, já vislumbram sistemas que tratam tanto do *ethos* verbal quanto do *ethos* físico. Em ambos, temos questões como o tom da voz, a forma de posicionamento do corpo, o modo de se vestir, dentre outras coisas. Nossa visão vai de encontro ao último grupo de pesquisadores.

<sup>8</sup> Para maior detalhamento do tema, ver a coletânea organizada por Jodelet (1989).

suscita e, de outro lado, de um indivíduo (ou do grupo) que a exprime e a constrói.

Assim sendo, observa-se uma constante inter-relação entre as representações efêmeras e entre aquelas já cristalizadas. Uma crítica a esse sistema é o fato de não sabermos quando uma representação pode ser dada como cristalizada ou como efêmera, ou até mesmo ser considerada "em transição".

Ao tentar resolver esse impasse acima citado, Charaudeau (2007) tenta fazer um remix teórico: vale-se do conceito de imaginários, termo emprestado do filósofo Castoriadis (1975), coloca a ideia de representação, dispensando a questão da cristalização/efemeridade e, por fim, acrescenta a sua visão da semiolinguística no termo "sociodiscursivo". Dessa maneira, para Charaudeau (2007), as representações são uma mecânica de engendramento para a formação dos imaginários sociodiscursivos. A vantagem em se adotar a terminologia "imaginários sociodiscursivos", segundo o autor, residiria no fato de não ser necessário classificar o que é cristalizado e o que é efêmero, mas tratar o movimento contínuo entre esses dois processos das representações. Assim,

os imaginários são um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, esta, por sua vez, é construída pela significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que aí são produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Os imaginários resultam de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo relacional através da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva. Possuem uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2007, p. 53)

Nessa perspectiva, acessamos saberes que temos e/ou compartilhamos do mundo em forma de saberes de conhecimento e de crença, permeados por ideologias, teorias, doutrinas

etc. Esses saberes são armazenados em memórias (discursiva, enciclopédica e semiolinguística) e utilizados por nossa competência discursiva<sup>9</sup>.

Outro ponto importante a ser destacado nessa visão teórica é o fato de que os imaginários são um sintoma detectável no e pelo discurso:

Os imaginários podem ser qualificados de sociodiscursivos na medida em que lançamos a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. De fato, este sintoma resulta da atividade de representação que constrói universos de pensamento - lugar de instituição de verdades - e esta construção se faz pelo viés da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. Assim, os imaginários se constroem através de sistemas de pensamento coerentes, a partir de tipos de saber que são investidos tanto de *pathos* (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si), quanto de *logos* (o saber como argumento racional). (CHARAUDEAU, 2007, p. 54)

Cada comunidade discursiva percebe e se vale dos imaginários de maneiras singulares. O que pode ser uma boa imagem de si em uma dada comunidade, pode não ser em outra e gerar efeitos patêmicos e estruturas argumentativas por vezes imprevisíveis, lembrando que as três provas retóricas devem sempre ser vistas de forma integrada.

Após expormos essa breve descrição da base de acesso da geração do *ethos*, passamos a uma questão que sempre gera dúvidas em vários pesquisadores: qual é a diferença entre identidade e *ethos*? Em resposta a essa questão, Kerbrat-Orecchioni (2010) argumenta que o *ethos* é da ordem do parecer e a identidade é da ordem do ser. O *ethos* está sujeito a flutuações temporais - pode-se parecer ser várias coisas - e pode sofrer

---

<sup>9</sup> cf. Auchlin (1996).

manipulações parciais, entretanto possui uma relativa estabilidade:

O *ethos* advém mais do parecer do que do ser: ele não reflete então, necessariamente, a identidade real do sujeito – o que a retórica clássica descreve, tratando-se do *ethos-1* [individual], em termos de oposição entre “hábitos oratórios” e os “hábitos reais”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 122)

Por outro lado, mesmo se quisessem, os locutores não poderiam mudar radicalmente de *ethos* porque ele está ligado ao corpo: por mais trabalhada que possa ser a comunicação, sempre ficará algo de irremediavelmente pessoal no timbre da voz, nas mímicas, na postura, na aparência geral. [...] Estas bases *corporais* do *ethos* podem ser vistas como uma limitação [cada um dispõe de um leque relativamente restrito de indicadores éticos [etóticos], e não pode, por conseguinte, compor *ad libitum* qualquer *ethos*], mas é, ao mesmo tempo, a garantia de uma relativa estabilidade do *ethos*. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 124-125)

Por sua vez, a identidade é da ordem do ser, ou seja, tem um caráter permanente, estável, não sujeita à variações. Segundo ainda Kerbrat-Orecchioni (op. cit., p. 122):

A noção de *ethos* é [...] mais restrita que a de identidade: entre os atributos identitários há os que se ligam ao sujeito independentemente de seu comportamento discursivo, como tudo o que se refere ao estado civil, às características físicas, ao estatuto, etc. Os atributos identitários não são todos "*ethosizáveis*" [...].

As identidades e os *ethé* ligados ao sujeito são identificáveis tanto na situação física de comunicação quanto na dimensão discursiva.

Grosso modo, o esquema que propusemos acima tem por objetivo lançar linhas gerais para o funcionamento da relação em circuito desses elementos. Há uma integração a ser considerada e os elementos dóxicos, modernamente subdivididos em outras formas

de classificação, são essenciais para a produção de sentido no discurso. É importante também falarmos de efeitos no caso do *ethos* – e não somente no caso do *pathos*. Tal afirmação decorre do que aponta Maingueneau (2005): nem sempre o *ethos* dito corresponde ao *ethos* mostrado. Passemos então para nosso segundo objetivo.

## 2 *Ethé* e imaginários em torno de “ladrão”

Nesta nossa proposta de reflexão, trabalhamos com a seguinte hipótese: os imaginários sobre “ladrão” existentes em Portugal teriam migrado para o Brasil-colônia como um dos elementos próprios da cultura da metrópole naquele momento. Alguns pesquisadores do período colonial há muito chamam a atenção para essa “importação” de hábitos de corrupção portugueses, que parecem prevalecer até os dias atuais, embora tenham ganhado outros contornos. Não nos ateremos a citações bibliográficas sobre o tema, mas basta observar a imprensa para perceber que a corrupção é ainda um sério problema em nosso país.

Considerando uma previsível proximidade entre metrópole e colônia, vemos a construção e/ou manutenção do seguinte imaginário: de um lado, percebemos a figura do ladrão que rouba muito sem sofrer sanções e, de outro, a figura do ladrão que rouba pouco sendo legal e moralmente condenado por isso.

Pode-se notar que a literatura feita no Brasil do século XVII ainda é bastante permeada pela influência portuguesa, às vezes chegando mesmo a se confundirem, como é o caso de *A arte de furtar*, que foi originalmente publicado em Portugal, chegando ao Brasil, supostamente, no final do séc. XVII. Assim sendo, os imaginários sócio-discursivos poderiam se aproximar nessa época, embora pudessem sofrer posteriores alterações. Outro exemplo dessa proximidade é o caso de Antonio Vieira que, apesar de ser português, foi uma figura que transitou entre Portugal e

Brasil, bem como foi considerado, por alguns, como um precursor dos diálogos entre culturas devido à sua função diplomática.

Em nossa abordagem, dizemos que os imaginários podem ser não somente sócio-discursivos, mas sócio-histórico-discursivos, pelo caráter diacrônico desta pesquisa. Percebemos que o imaginário em torno da imagem de ladrão no século XVII ainda é muito próximo de nossa atualidade e pretendemos demonstrá-lo aqui.

Na perspectiva de Charaudeau (2007), os imaginários e representações são criados a partir de saberes de conhecimento e saberes de crença. Os saberes de conhecimento são de dois tipos: (i) científico (provado) e (ii) experiencial (experimentado/vivido). Os saberes de crença são também dois: (i) de revelação (adesão - verdade não provada ou verificada) e (ii) opinião (avaliação do homem em relação aos fatos do mundo).

Observamos que esses tipos de saberes são encontrados nas passagens escolhidas para a nossa análise. Entretanto, antes de nos atermos ao estudo proposto, é preciso salientar o fato de que ao analisarmos um *ethos*, estamos "dissecando" uma imagem efêmera congelada no momento da produção do discurso. Por exemplo, os escritores que ora estudamos projetam *ethé* que têm como fonte geradora os imaginários sobre ladrão. Como os textos resistiram ao tempo, temos a impressão de que são *ethé* "cristalizados", mas não se trata disso. São imagens de si efêmeras, congeladas num texto que sobreviveu ao tempo, geradas a partir de imaginários que, esses sim, parecemos, prevaleceram. Contudo, é preciso também pensar que outros imaginários foram desprovidos de sentidos ou esquecidos durante esses séculos. Vejamos cada caso em separado:

## 2.1 A arte de furtar - Anônimo<sup>10</sup>

As representações e os imaginários sobre "ladrão" são aqui criados a partir de um saber "científico" na figura da experiência/observação do mundo. Na verdade, observamos uma paródia<sup>11</sup> do discurso científico na construção da obra: a organização genérica é semelhante, o gênero "tratado", que seria o texto de partida; há a apresentação de hipóteses, teses, e a subdivisão em categorias de ladrões, usando a demonstração e a exemplificação para a composição do texto. Dizemos se tratar de uma paródia porque temos um tratado sobre a "inexistente" ciência do furto. O estatuto da paródia é ficcional, embora nesse caso existam muitos efeitos de real, que poderiam ser relacionados a fatos históricos ocorridos à época. Notamos aqui a dimensão argumentativa: através da paródia, faz-se uma denúncia sobre a permissividade dada aos que roubam muito. O caráter de engajamento e proteção da face é atestado pela "autoria" anônima do livro. O autor assegura ao leitor que a arte de roubar é uma técnica, realmente uma "ciência":

Assim se prova que há arte de furtar; e que esta seja ciência verdadeira é muito mais fácil de provar, ainda que não tenha escola pública, nem doutores graduados que a ensinem em universidade, como têm as outras ciências. (AF, p. 44) [grifos nossos]

As suas regras e preceitos são sutilíssimos e infalíveis; e os sujeitos e mestres que a professam, ainda mal, que as mais das vezes são os que se prezam de mais nobres, para que não digamos que sejam senhorias, altezas e majestades. (AF, p. 48) [grifos nossos]

E como o engenho e arte de furtar anda hoje tão sutil que transcende as águias, bem

<sup>10</sup> ANÔNIMO. *A arte de furtar*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

<sup>11</sup> Sobre o funcionamento discursivo da paródia, consultar: Machado (1999).

podemos dizer que é ciência nobre. (AF, p. 48) [grifos nossos]

A arte de furtar é para iniciados, para aqueles que dominam o saber e a técnica:

E se os ladrões não tiverem arte, busquem outro ofício, por mais que a este os leve e ajude a natureza, se não alentarem esta com os documentos da arte, terão mais certas perdas que ganhos, nem se poderão conservar contra a invasão de infinitas contrariedades que os perseguem. E, quando os vejo continuar no ofício ilesos, não posso deixar de atribuir à destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos ou obrigando-a que os largue e tolere, porque até para isso têm os ladrões arte. (AF, p. 44) [grifos nossos]

Essas passagens ilustram como os imaginários são retratados naquele momento, obviamente, se valendo da ironia. Há, de alguma maneira, uma revolta em relação à impunidade, que podemos verificar ainda nos nossos dias: “e quando os vejo continuar no ofício ilesos...”. O verbo “continuar” pressupõe a constância da impunidade.

Na obra em questão, verificamos também um tipo de saber de crença na figura da opinião. De acordo com Charaudeau (2007, p. 58), “este tipo de saber resulta de um movimento de apropriação, por parte de um sujeito, de um saber em meio aos saberes circulantes nos grupos sociais. Este saber é ao mesmo tempo pessoal e partilhado, é por esta razão que pode ser discutido”. Trata-se das possíveis avaliações do mundo feitas pelo homem e que permitem a particularização do *ethos* de outrem. Assim, verificamos um imbricamento entre saberes relativos à experiência e saberes relativos à opinião.

Nesse tratado paródico-científico – mas, sem dúvidas, com uma importância histórico-sociológica – verificamos algumas classificações. A primeira categoria é a seguinte: os maiores ladrões são os que têm por ofício livrar-nos de outros ladrões. É

possível observar que as representações e os imaginários são construídos a partir da imagem do gato, mais especificamente de suas unhas, num processo metonímico. A seguir, citamos alguns exemplos de tipos de *ethé* classificados na obra em questão: dos que furtam com unhas temidas, tímidas, disfarçadas, bentas, militares, sábias, ignorantes, amorosas, cortesias, políticas, de prata, dentre outros.

A dicotomia existente na arte de furtar é sobre o que é ser o “bom ladrão”, no sentido de dominar a técnica e ser bem-sucedido, e ser o “mau ladrão”, aquele que se deixa apanhar. Um ladrão que rouba pouco é um mau ladrão e, portanto, desconhece a “ciência”. Esse tipo de imaginário perdura até nossa atualidade, como o veremos abaixo.

## 2.2 Sermão do bom ladrão - Antonio Vieira<sup>12</sup>

O sermão é um gênero factual, que pode tanto ser permeado de efeitos de real (citações da história, por exemplo), quanto de efeitos de ficção (o recurso à parábola usada com a finalidade de ilustrar didaticamente um assunto). No caso em questão, os imaginários sobre o ladrão se dão através do saber de revelação, ou seja, a partir da narrativa bíblica na qual Jesus teria sido crucificado entre dois ladrões, um bom e um mau. Vieira constrói uma argumentação, demonstrando que o bom ladrão, ao contrário do que apregoa a *Arte de furtar* (que tem como foco a performance), é aquele que é pobre e por isso necessita roubar para sobreviver, um *ethos* de vítima é construído; esse tipo de furto não seria assim tão condenável por ele: “Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo, não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida (...)”

<sup>12</sup> VIEIRA, Antônio. Sermão do bom ladrão (1655). Domínio público. S/L: S/D. Disponível em : <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000025pdf.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2011.

(VIEIRA, [1655]2011, p. 64). O sermão em questão quer condenar o "grande ladrão", que na argumentação de Vieira é associado ao ladrão mau que morreu ao lado de Cristo. Nessa passagem, Vieira cita a resposta de um pirata a Alexandre, o Grande, que comprova o que acabamos de mencionar:

E como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "basta, Senhor, que eu porque roubo em uma barca sou ladrão, e vós porque roubais em uma armada, sois imperador?" Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito os Alexandres. (VIEIRA, [1655] 2011, p. 64) [grifos nossos]

Assim, dois tipos etóticos são projetados: o ladrão-pirata e o ladrão-alexandrino. Em ambos os casos, vemos a repetição do imaginário apresentado acima em *A arte de furtar*: o pequeno ladrão é condenado enquanto o grande ladrão é glorificado. Neste caso, na perspectiva de Vieira, o imaginário cristão condenaria o grande ladrão e absolveria o pequeno. Na passagem seguinte, temos um argumento que tenta persuadir o ouvinte de que é preciso condenar os ladrões que roubam muito: "Pois se assim há de ser, queirais ou não queirais, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao Paraíso, que com o mau ao Inferno?" (VIEIRA, [1655]2011, p. 91). A pergunta tem um efeito alocutivo e leva o auditório a ter uma conclusão a respeito da tese levantada em favor do bom ladrão.

### 2.3 Como acreditou este prelado mais os mexericos de caveyra, do que as lizonjas do poeta, lhe fez esta sátira- Gregório de Matos<sup>13</sup>

O poema em questão possui estatuto ficcional, mas possui efeitos de real, por ser justamente uma estratégia para denunciar a corrupção de algumas instituições. Vejamos alguns versos que mostram o *ethos* de "ladrão-alexandrino" projetado para membros da Igreja e para seus fiéis:

Do Confessor Jesuíta,  
que ao ladrão do confessado  
não só absolve o pecado,  
mas os furtos lhe alcovita:  
do Percursor da visita,  
que na vanguarda marchando  
vai pedindo, e vai tirando,  
o demo há de ser algoz:  
porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor  
não tem para que o dizer  
furtos, que antes de os fazer,  
já os sabe o confessor:  
cala-os para ouvir melhor,  
pois com ofício alternado  
confessor, e confessado  
ali se barbeiam sós. [grifos nossos]  
(MATOS, 1992, p. 46)

Neste caso, os imaginários sobre ladrão são construídos através dos saberes de crença, na figura da opinião. No entanto, é possível também afirmar que tenhamos aqui os saberes de conhecimento na figura da experiência. É o vivido e o experienciado que permitem a Gregório de Matos formular suas visões de mundo, no caso, a ligação e a convivência da Igreja com as ações dos mais influentes mesmo que essa denúncia seja feita em um contrato de ficção com a função de preservar a face. Os grandes ladrões possuem a anuência das instituições, por isso não são condenados, já que também colaboram pagando uma parte à Igreja. O poeta, ao criticar a sociedade da

<sup>13</sup> MATOS, Gregório. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992

época, projeta um *ethos* de denunciador, de indignado com essa situação. Esse *ethos* de denunciador também é percebido nos outros cinco exemplos aqui estudados. O *ethos* do ladrão mencionado poderia ser retirado da classificação d’A *arte de furtar*: aqueles que furtam com unhas bentas.

#### 2.4 Cartas Chilenas - Tomás Antônio Gonzaga<sup>14</sup>

Como é sabido, essa obra critica a sociedade mineira do século XVIII, criando uma situação ficcional de trocas epistolares que, na verdade, tinha por objetivo denunciar os hábitos dos poderosos da época. Esse texto possui uma transgressão de gênero<sup>15</sup>, pois se etiqueta como “carta” quando, na verdade, é poesia.

Aos grandes devedores não se assinam

Os termos peremptórios para a paga;

Nem vão para as cadeias, bem que comam

A fazenda do Rej; e só Ribério

Sendo um Procurador que nada deve,

Vai viver na prisão por tempos largos?

Amigo Doroteu, o nosso Chefe

Patrocina os velhacos, que lhe mandam,

Para que mais lhe mandem. Prende, e vexa

Aos justos, que entesouram as suas barras,

Para ver, se oprimidos se resolvem

A seguir os caminhos do que largam.  
[grifos nossos] (GONZAGA, 2006, p.120)

Temos aqui projetado o *ethos* do ladrão-alexandrino como o preponderante. Os grandes ladrões não pagam suas dívidas e ainda são beneficiados pelo governo; este último, por sua vez, quer também corromper os justos, cobrando deles altos impostos, numa referência indireta ao que seriam as queixas dos Inconfidentes. Neste caso também, os *ethé* são gerados a partir do entrelaçamento dos saberes de conhecimento, através da figura da experiência, e dos saberes de crença, através da figura da opinião.

#### 2.5 “Suje-se gordo” – conto de Machado de Assis<sup>16</sup>

O narrador conta a história de um personagem chamado Lopes, em que vemos repetidos os imaginários sobre o ladrão já descritos acima: de um lado, os imaginários da impunidade colocados em *A arte de furtar* e, de outro, os imaginários relativos aos valores cristãos apontados por Vieira (o mito do bom ladrão). Em vários momentos da narrativa, repete-se a frase “quer sujar-se, suje-se gordo”, ou seja, se quer roubar, roube muito. Um juiz personagem narra dois casos. O primeiro, de um pequeno ladrão, o *ethos* do ladrão-pirata, que é condenado, sendo, naquele momento, membro do júri, o personagem Lopes que tem por ideologia roubar muito. Num outro momento, esse mesmo Lopes vem a ser julgado e é absolvido, quando temos então o *ethos* de ladrão-alexandrino:

O primeiro réu que condenei, era um moço limpo, acusado de haver furtado certa quantia, não grande, antes pequena, com falsificação de um papel. Não negou o fato, nem podia fazê-lo, contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime. Alguém, que não citava, foi que lhe lembrou esse modo de acudir a uma

---

<sup>14</sup> GONZAGA, Tomás A. **Cartas Chilenas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

<sup>15</sup> Na perspectiva de Charaudeau (2004), a transgressão de gêneros ocorre quando há a quebra de um contrato anterior e a instauração de outro no lugar.

---

<sup>16</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. **Relíquias da casa velha. Obra completa**. Vol II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1906]1994. (<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn007.pdf>)

necessidade urgente; mas Deus, que via os corações, daria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo. [...] Não estou debatendo, estou defendendo o meu voto' continuou Lopes. O crime está mais que provado. O sujeito nega, porque todo o réu nega, mas o certo é que ele cometeu a falsidade, e que falsidade! Tudo por uma miséria' duzentos mil-réis! Suje-se gordo! Quer sujar-se? Suje-se gordo! [...] [grifos nossos]

Seguiu-se a leitura do processo. Era uma falsidade e um desvio de cento e dez contos de réis. [...]. O que lhe digo com certeza é que a leitura dos autos me impressionou muito, o inquérito, os documentos, a tentativa de fuga do caixa e uma série de circunstâncias agravantes, por fim o depoimento das testemunhas. Eu ouvia ler ou falar e olhava para o Lopes. Também ele ouvia, mas com o rosto alto, mirando o escrivão o presidente. o tecto e as pessoas que o iam julgar; entre elas eu. [...] Ao pé da palavra bíblica lembrou-me de repente a do mesmo Lopes: "Suje-se gordo!" Não imagina o sacudimento que me deu esta lembrança. Evoquei tudo o que contei agora, o discursinho que lhe ouvi na sala secreta, até àquelas palavras: "Suje-se gordo!" Vi que não era um ladrão reles, um ladrão de nada, sim de grande valor. O verbo é que definia duramente a ação. "Suje-se gordo!" Queria dizer que o homem não se devia levar a um ato daquela espécie sem a grossura da soma. A ninguém cabia sujar-se por quatro patacas. Quer sujar-se? Suje-se gordo!

Vários dos imaginários anteriormente descritos são recuperados nesse conto da passagem do século XIX para o XX, mostrando que o *ethos* projetado de Lopes se baseia em imaginários segundo os quais roubar muito não é condenável<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Saindo do campo ficcional e passando para o factual, temos em 1999 outro Lopes, ex-presidente do Banco Central da era FHC (1994-2002), que dizia que o um milhão de dólares por ele desviado dos cofres públicos era pouco dinheiro. Ver: <http://epoca.globo.com/edic/19990426/brasil1.htm>

## 2.6 O ladrão besta e o sabido - Caju e Castanha<sup>18</sup> - composição de Pinto/Rouxinol

Já no século XXI, temos a continuidade desse imaginário na projeção do *ethos* do ladrão rico sabido e do ladrão pobre besta. A embolada é um gênero de estatuto ficcional, mas que traz em si essa reflexão sobre a sociedade. Há igualmente, nesse caso, o entrelaçamento entre saberes de conhecimento e saberes de crença. Toda a letra desta embolada traça as diferenças entre essas duas categorias de ladrão e reforça as tipologias listadas acima dos *ethé* de ladrão-alexandrino e ladrão-pirata:

[...] Quem é que vive mais o ladrão besta ou o sabido

O besta morre logo e o sabido é garantido

Diz que o ladrão sabido só rouba muito dinheiro

Rouba hoje no Brasil amanhã no estrangeiro

Se hospeda em cinco estrelas e ninguém sabe seu roteiro

Você vê o ladrão besta dorme até no meio da praça

Rouba o relógio de um vende pra tomar cachaça

Que quando a polícia pega volta pra mesma desgraça[...]

Se morre o ladrão sabido o seu enterro é filmado

Sai em jornal e revista passa três dias velado

E o velório se enche de ladrão engravatado

Ladrão besta quando morre nem tem vela nem tem cruz

<sup>18</sup> CAJU & CASTANHA. *Professor de embolada*. Manaus: Trama, 2003, CD. Digital, estéreo, acompanha livreto.

Ele apodrece no mato seu corpo ninguém  
conduz

E o corpo dele fede de longe pra os urubus  
[...]

Assim como nos outros exemplos acima, a partir de vários imaginários, percebe-se na embolada o privilégio para aqueles que roubam muito e a prisão para aqueles que são ladrões menores.

### Conclusão

Mesmo que pequena, a seleção de fragmentos ao longo de quase cinco séculos nos permite observar uma constância nos imaginários e na projeção dos *ethé* de ladrão-alexandrino e de ladrão-pirata, inclusive na nossa contemporaneidade. Esse fato demonstra que recortes diacrônicos de *corpora* também podem colaborar para a compreensão de questões da atualidade. Fora do campo da ficção, existem muitos outros exemplos que criam imagens etóticas ancoradas nos imaginários ligados à impunidade dos ladrões-alexandrinos, como o bordão de Maluf: "Rouba, mas faz". Temos aqui também um imaginário cristalizado: "todo político é ladrão". No caso do slogan de Maluf, vemos a explicitação desses imaginários e a certeza da impunidade.

Assim sendo, os pontos de vista sobre a imagem de ladrão são saberes circulantes em uma sociedade, construídos social e historicamente, e podem ser reafirmados ou refutados. Deixamos aqui a fala de Vieira que sintetiza bem tudo o que demonstramos: "O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres".

### Referências

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. 2<sup>ème</sup> ed. Paris: Armand Colin, 2006.

AMOSSY, Ruth. **O ethos - a análise da argumentação**. Belo Horizonte: Escola de Altos Estudos/Capes – POSLIN/FALE/UFMG. 12 a 23 de março de 2007. Notas de aula.

AMOSSY, Ruth. **La présentation de soi: ethos et identité verbale**. Paris: PUF, 2010.

ANSCOMBRE, Jean-Claude & DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Mardaga, 1987.

AUCLIN, Antoine. Du texte à la compétence discursive: le diagnostic comme opération empathico-inductive. **Cahiers de linguistique française**, n. 18, p. 339-355, 1996.

BARTHES, Roland. **Le discours amoureux**. Paris: Seuil, 2007.

BONARDI, Christine; ROUSSIAU, Nicolas. **Les représentations sociales**. Paris: Dunod, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **L'institution imaginaire de la société**. Paris: Seuil, 1975.

CHARAUDEAU, Patrick. A estruturação sociolinguageira e o quadro metodológico. In: CARNEIRO, A. (Org). **O discurso na mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996. p. 34- 43.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida. L. & MELLO, Renato de. (Orgs.) **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

\_\_\_\_\_. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. **Langue(s), discours**. Vol. 4. Paris, Harmattan, 2007. p 49-63.

DASCAL, Marcelo. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **As imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 57-68.

JODELET, Denise (Org.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. O *ethos* em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; & MELLO, Renato. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, v. 3. p. 117-135.

MACHADO, Ida L. A presença da paródia em títulos da imprensa francesa. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: FALE, v. 08, p. 97-114, jul/dez 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **As imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa. In: LARA, Gláucia M. P.; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, 2008. v. 1. p.199-218.

MENDES, Emília. **Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas**. Belo Horizonte, 2004. 267f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero. In: MACHADO, Ida L.; LARA, Gláucia. P. M.; EMEDIATO, Wander. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008, v. 2. p. 199-220.